

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ**

**DANIELLE SGORLON  
JHEINE EVELIM DA SILVA  
VANESSA APARECIDA FERNANDES**

**GARIS: TRABALHO E DIGNIDADE**

**MARINGÁ**

**2008**

**DANIELLE SGORLON  
JHEINE EVELIM DA SILVA  
VANESSA APARECIDA FERNANDES**

**GARIS: TRABALHO E DIGNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.  
Orientação: Profª Elaine Cristina Guarnieri

**MARINGÁ  
2008**

**DANIELLE SGORLON  
JHEINE EVELIM DA SILVA  
VANESSA APARECIDA FERNANDES**

**GARIS: TRABALHO E DIGNIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Centro Universitário de Maringá como requisito para a obtenção do título de bacharelado em Comunicação social com habilitação em Jornalismo, sob orientação da professora Elaine Cristina Guarnieri, aprovado em 18 de novembro de 2008.

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador \_\_\_\_\_

Professora Esp. Elaine Cristina Guarnieri.  
CESUMAR

Membro \_\_\_\_\_

Professor Esp. Cássio Marcel Mochi.  
CESUMAR

Membro \_\_\_\_\_

Professor Mestre Gilson Costa de Aguiar.  
CESUMAR

Este trabalho é dedicado aos nossos pais, marido, namorados, amigos, familiares, e a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste, nos apoiando e orando para que tudo saísse como fora previsto e acima de tudo, fazendo com que nos sentíssemos capazes de realizar esse trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, que nos concedeu a graça de realizar este projeto, mantendo a força mesmo nos momentos de insegurança, quando o cansaço e o desânimo falavam mais alto e, Ele não nos deixava abater.

Aos nossos pais, um agradecimento especial pela dedicação e apoio que, em certas situações, pareciam ser não tão compreensíveis assim, e apesar disso, estavam eles nos motivando e nos fazendo manter a calma. Amamos vocês e sabemos que sem vocês, nada seríamos.

Aos nossos marido e namorados, pelo amor e companheirismo durante todo esse tempo. Muitas vezes, entendendo nossas ausências, nervosismo e falta de paciência. Sabendo dizer as palavras certas nas horas certas para que não desanimássemos nem desistíssemos no meio do caminho. Obrigada.

À nossa orientadora, Elaine Cristina Guarnieri, pelo apoio e pelas contribuições no desenvolvimento da nossa grande reportagem.

Ao nosso co-orientador Antônio Paulino, pela imensa e importantíssima contribuição no desenvolvimento do nosso trabalho. Suas dicas e orientações foram fundamentais para que conseguíssemos desenvolver nosso projeto. Obrigada.

Agradecemos ainda, aos amigos e companheiros de faculdade, que fizeram destes quatro anos, não somente um vínculo entre colegas de profissão, e sim, fizeram parte das maiores e melhores lembranças dessa fase, transformando em amizade o que parecia ser superficial. Lembraremos eternamente desses momentos.

A todos os familiares, amigos, professores, e em geral, a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, o nosso muito obrigado!

Danielle Sgorlon  
Jheine Evelim da Silva  
Vanessa Aparecida Fernandes

Para quem o uso do uniforme é obrigatório existe um *lugar* social específico. Naqueles trajes, os varredores , todos eles, aparecem como se tivessem uma só identidade. “Nem dá para saber quem é um, quem é outro”. Para “os outros”, não aparecem como pessoas. Aparece o uniforme, desaparecem os homens.

## RESUMO

Os trabalhadores da limpeza são profissionais que atuam limpando as ruas, avenidas, praças e roçando os canteiros da cidade. Em Maringá, são aproximadamente 250 trabalhadores, entre homens e mulheres, atuando em toda a cidade. Eles podem ser garis – homens responsáveis pela varrição, poda de grama, de canteiros; margaridas – mulheres responsáveis pela varrição e coletores – homens responsáveis pela coleta de lixo nos caminhões. Esses profissionais trabalham sob sol, chuva, vento, poeira. São funcionários públicos concursados para ocuparem a função que desempenham. A grande reportagem de televisão Garis: Trabalho e Dignidade verifica a rotina desses indivíduos no ambiente maringaense, suas dificuldades e peculiaridades, além de analisar se a sociedade, de uma forma ampla e geral, percebe a importância e a necessidade da função desses indivíduos para a manutenção do meio ambiente urbano.

Palavras – chave: garis, trabalhadores da limpeza, dignidade, ambiente urbano.

## **ABSTRACT**

The cleanness workers are professionals who act cleaning the streets, avenues, squares and cutting the seedbeds of the city. In Maringá, approximately 250 workers, between men and women, are acting in the entire city. They can be garis - responsible men for the sweep, pruning of gram, seedbeds; margaridas - responsible women for sweep and collectors - responsible men for the garbage collection in the trucks. These professionals work under sun, rain, wind, dust. They are public officers to occupy the function that they play. The great news article of television Garis: Work and Dignity verify the routine of these individuals in the maringaense environment, its difficulties and peculiarities, beyond analyzing if the society, of one form ample and general, it perceives the importance and the necessity of the function of these individuals for the maintenance of the urban environment.

Key-words: garis, workers of the cleanness, dignity, urban environment.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 – Quadro de elementos da reportagem</b>	<b>34</b>
<b>Figura 2 – Mapa de Maringá</b>	<b>36</b>
<b>Figura 3 – Brasão de Maringá</b>	<b>37</b>

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

COMLURB – Companhia de Limpeza Urbana

TV- Televisão

UEM- Universidade Estadual de Maringá

UNISANTA- Universidade Santa Cecília De Santos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1 COMUNICAÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2 TEORIA CRÍTICA</b>	<b>19</b>
<b>3 CULTURA DE MASSA E CULTURA POPULAR</b>	<b>23</b>
<b>4 COMUNICAÇÃO TELEVISIVA</b>	<b>25</b>
<b>5 JORNALISMO</b>	<b>27</b>
<b>5.1 JORNALISMO SOCIAL</b>	<b>29</b>
<b>5.2 JORNALISMO AMBIENTAL</b>	<b>32</b>
<b>5.3 GRANDE REPORTAGEM</b>	<b>34</b>
<b>6 MARINGÁ</b>	<b>35</b>
<b>7 TRABALHADORES DA LIMPEZA</b>	<b>38</b>
7.1 TRABALHADORES DA LIMPEZA COMO OBJETO DE ANÁLISE SÓCIO AMBIENTAL	<b>39</b>
7.2 TRABALHADORES DA LIMPEZA EM MARINGÁ	<b>46</b>
<b>8 ELEMENTOS DA GRANDE REPORTAGEM</b>	<b>48</b>
8.1 NOME	<b>48</b>
8.2 VEICULAÇÃO	<b>48</b>
8.3 LOCUÇÃO	<b>48</b>
8.4 PÚBLICO ALVO	<b>48</b>
8.5 CUSTOS	<b>49</b>
8.6 ESTRUTURA	<b>49</b>
<b>9 ETAPAS DE PRODUÇÃO</b>	<b>51</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>56</b>
<b>ROTEIRO</b>	<b>60</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>105</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>140</b>

## INTRODUÇÃO

A grande reportagem *Garis: Trabalho e Dignidade* têm como objeto de estudo os garis – profissionais da limpeza de Maringá. A intenção é mostrar a importância e a necessidade da presença desses trabalhadores no ambiente urbano maringaense. Afinal, são eles os responsáveis pela limpeza e manutenção desse ambiente. O título “*Garis: Trabalho e Dignidade*” foi escolhido pelo fato de que nele estão concentradas as duas principais abordagens da reportagem. Primeiro, o trabalho, que faz com que o indivíduo se sinta útil perante a sociedade e perceba sua importância dentro do contexto social.

É comum em qualquer sociedade o desempenho do trabalho. O trabalho faz parte do desenvolvimento das sociedades.

Para Marx (1974, p. 197-198)

O trabalho é, em primeiro lugar, um processo de que participam igualmente o homem e a natureza, e no qual o homem espontaneamente inicia, regula e controla as relações materiais entre si próprio e a natureza. Ele se opõe à natureza como uma de suas próprias forças, pondo em movimento braços e pernas, as forças naturais de seu corpo, a fim de apropriar-se das produções da natureza de forma ajustada às suas próprias necessidades. Pois, atuando assim sobre o mundo exterior e modificando-o, ao mesmo tempo ele modifica a sua própria natureza. Ele desenvolve seus poderes inativos e compele-os a agir em obediência à sua própria autoridade.

Além do trabalho, a dignidade, um atributo da personalidade, intrínseca a própria condição humana. Por meio do trabalho, muitas vezes, o indivíduo consegue sentir-se digno. A dignidade se faz presente quando o indivíduo percebe sua importância frente à sociedade.

A dignidade se relaciona com a moral das pessoas dentro de uma sociedade. O dicionário da língua portuguesa define uma pessoa digna, como alguém que é correto e que merece respeito. A dignidade se apresenta como uma “regra” na sociedade, Paula Bajer Fernandes Martins da Costa no artigo *Dignidade* publicado no site do Dicionário dos Direitos humanos afirma que: “o conjunto de normas que possibilitam certa organização da vida em sociedade, reconhece a dignidade do homem como valor imprescindível, que deve ser preservado e estimulado”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Disponível em <[www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Dignidade](http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Dignidade)>. Acesso em: 07/10/2008.

O livre arbítrio e a autonomia do homem são fatores que se relacionam com a dignidade. De acordo com Martins da Costa (2006, p.1), “No imperativo categórico, formulado pelo filósofo Immanuel Kant para dar sentido à ação humana, está implícita a dignidade, extraída da autodeterminação e do livre arbítrio”.

O trabalho Garis: profissão e dignidade objetiva apresentar uma visão desses trabalhadores que destoa da atual visão da população em geral. A intenção é mostrar que garis, margaridas e coletores são profissionais de extrema importância para a manutenção da sociedade maringaense. Como jornalistas e conscientes da responsabilidade social, sabe-se da importância de levar tais esclarecimentos para a população.

Maringá é conhecida como Cidade Canção, Cidade Verde, principalmente devido ao grande número de árvores que enfeitam as ruas e dão qualidade de vida aos moradores. De acordo com dados do Censo da Árvore (2006)<sup>2</sup>, são mais de 160 mil árvores que derrubam folhas, flores, frutos pelas ruas e avenidas. É claro que essas árvores atraem a atenção não só dos moradores, mas também dos visitantes da cidade, transformando-a em um cartão postal.

O gari é o profissional responsável pela limpeza das ruas, praças, parques e vias públicas. É ele quem trabalha cuidando da higiene e recolhendo os detritos gerados diariamente. Esse profissional evita que o lixo não se acumule nas ruas e bueiros, prevenindo enchentes e a proliferação de bichos e doenças. Apesar de toda a importância de sua função, os garis enfrentam diversas dificuldades e preconceitos pelo tipo de trabalho que desenvolvem.

A grande reportagem Garis: trabalho e dignidade se justifica pela necessidade da existência dos trabalhadores da limpeza na manutenção da sociedade. Esses indivíduos estão presentes no cotidiano da população, são eles os responsáveis pela manutenção do ambiente urbano, recolhendo lixo gerado nos prédios e residências, zelando pela limpeza e pelo bem-estar da comunidade. A população, que paga seus impostos, espera que a cidade esteja sempre limpa, que seu lixo seja recolhido, mas pouco valor ou pouca importância dão aos responsáveis por essa limpeza, que são, em muitos aspectos, esquecidos pela comunidade.

---

<sup>2</sup> Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá (UEM) pelo engenheiro florestal André Furlanetto Sampaio, entre 2004 e 2006.

O trabalho de limpeza é realizado, durante todo o dia e também à noite, em turnos diferentes. É realizado sob sol, chuva, frio e está sujeito à falta de segurança, falta de condições adequadas e baixa remuneração (o salário de um gari em Maringá é de aproximadamente R\$ 800 reais), o que leva os garis a ser uma categoria profissional inferiorizada perante a comunidade.

A atuação profissional desses funcionários públicos, na maioria das vezes, não é reconhecido pela população, que os vê como inferiores ou subalternos. Essa visão deve ser mudada. O trabalho dos garis é muito mais do que a limpeza das vias públicas. É a manutenção do ambiente social em que a população desenvolve todos os seus projetos, sejam de trabalho, de relacionamento ou de convivência. A profissão de gari é um trabalho digno, árduo e honesto como muitos outros e deve ser reconhecida como tal. A importância do limpador de rua não pode ser esquecida ou inferiorizada. É aí que entra a importância do trabalho jornalístico desenvolvido.

Este trabalho visa levar esclarecimentos à população sobre a importância e a necessidade da presença dos garis. Além disso, a intenção é quebrar o estigma de que esses profissionais são inferiores porque recolhem os lixos. Eles são sim, fundamentais para o bem-estar social. Falta o esclarecimento da população quanto ao valor do trabalho dessas pessoas.

Na primeira seção aborda-se a comunicação. A importância da comunicação nas relações sociais e de trabalho. Sem a comunicação, não seria possível a vida em sociedade da forma como a conhecemos.

Na segunda seção, aborda-se a teoria crítica. Teoria essa que foi a base do trabalho. A teoria crítica fala dos meios de comunicação de massa e aborda também a classe proletária, a forma como é vista e aceita na sociedade.

A terceira seção aborda a cultura popular e a cultura de massa. Culturas essas que fazem parte da vida das pessoas, inclusive dos trabalhadores da limpeza. A cultura de massa está presente no cotidiano das pessoas, através da disseminação dos meios de comunicação de massa, o rádio e a TV.

Na quarta seção, aborda-se a comunicação televisiva. A necessidade de se trabalhar essa questão deve-se ao fato do produto realizado ser uma grande reportagem de TV. Assim, é interessante abordar um pouco da história do veículo televisivo.

Na quinta seção, o jornalismo foi abordado. A grande reportagem Garis: Trabalho e Dignidade é um programa de cunho jornalístico, informativo. Dessa

forma, faz-se necessário contar um pouco da história do jornalismo, situando sua importância na transmissão de informações para a população. Além disso, ainda nessa mesma seção, são abordadas as questões do jornalismo social, do jornalismo ambiental e da escolha pela grande reportagem. O jornalismo social se faz necessário visto que os garis são indivíduos em contato diário e constante com a sociedade e que, mesmo assim, sofrem preconceitos pelo trabalho que exercem. Abordar os garis e sua função dentro da sociedade foi o foco principal do trabalho.

O jornalismo ambiental se faz necessário dentro do trabalho devido à função de manutenção do meio ambiente presente no trabalho dos garis, margaridas e coletores. Maringá é referência quando se fala em meio ambiente e qualidade de vida. O trabalho dos profissionais da limpeza é de suma importância para manter-se esse padrão.

A seção seis aborda Maringá. Cidade modelo em arborização e qualidade de vida, Maringá tem nos trabalhadores da limpeza um apoio para que o ambiente urbano se mantenha em harmonia. Situar esses profissionais dentro do contexto maringaense é o foco dessa seção. Tamanho da cidade, estrutura. A intenção é mostrar a importância da presença dos garis para a manutenção do município.

A seção sete aborda os trabalhadores da limpeza. Como surgiram, quantos são, quais suas funções. Dentro dessa mesma seção, ainda serão trabalhados a questão dos trabalhadores da limpeza como objeto de análise sócio ambiental e os trabalhadores da limpeza em Maringá. Qual a importância desses profissionais no contexto maringaense. Como eles estão inseridos na realidade social da cidade.

Nas seções oito, foram abordadas as questões da produção do vídeo. Escolha do nome, veiculação, custos de produção, duração. Essa seção visa explicar as questões técnicas relativas à produção da grande reportagem.

A seção nove mostra detalhadamente as etapas de produção da grande reportagem Garis: Trabalho e dignidade. Desde a escolha do tema, a elaboração do roteiro, a escolha dos personagens, etapa de filmagens. Todas as explicações sobre a realização da reportagem estão colocadas nessa seção.

Por último, temos as considerações finais com relação ao trabalho.

A grande reportagem “Garis: trabalho e dignidade” segue os preceitos do bom jornalismo. Apurar os fatos, mostrar os argumentos, mas sempre levantando a questão da importância dos garis para a população, para a manutenção da cidade, já que esse é o principal objetivo do trabalho.

## 1. COMUNICAÇÃO

Segundo Wolf (2003, p.23) “a comunicação tem a responsabilidade de ser o motor da própria história, estabelecendo até mesmo uma relação entre a ascensão e queda de civilizações e o meio de comunicação predominante na época”.

É através da comunicação que a história se faz e se transforma. Não existem mudanças ou transformações, melhorias ou adaptações, sem a presença da comunicação para estabelecer as relações sociais. É também através da comunicação que idéias, informações, necessidades, são passadas para as pessoas. A comunicação não precisa acontecer necessariamente por meio de palavras, mas também de gestos, imagens, ruídos, sons. Qualquer manifestação cultural acaba definindo-se como uma forma de comunicar-se.

De acordo com Peruzzollo (2006, p.44) “nem toda relação é comunicação, mas toda comunicação é uma relação”.

As pessoas estabelecem relações de vários tipos: amizade, profissionais, comerciais, financeiras, entre outras. Qualquer tipo de relação precisa da comunicação para que possa acontecer. Dessa forma, comunicar-se é uma necessidade fundamental para os seres humanos. Foi devido a essa necessidade de se comunicar que os meios de comunicação foram surgindo e se aprimorando ao longo dos tempos. Hoje, não há como imaginar o mundo sem a televisão, o rádio, a internet, os jornais e revistas impressos. A cultura se formou sobre e com a comunicação e sem ela, já não há como prosseguir.

A forma como as pessoas vêem e pensam os fatos e acontecimentos, depende, em grande parte, da forma como elas vêem e compreendem os fatos e acontecimentos do dia-a-dia. Interpretações diferentes levam a análises diferentes. Análises diferentes vão levar a atitudes diferentes.

Xifra-Heras (1975, p.7) afirma que “a comunicação constitui o fundamento de toda a sociedade humana e de toda a relação social”. Ora, se é através da comunicação que as relações sociais se tornam possíveis, não há como fugir delas na construção e no desenvolvimento dessa mesma sociedade. É a comunicação

que impulsiona os seres vivos e, principalmente, os seres humanos, a desenvolverem suas idéias, conceitos e racionalidades.

O conhecimento e o estudo do que vem a ser comunicação se amplia com a propagação de novas tecnologias e novas formas de prática. De acordo com Armand e Michéle Mattelart (1995, p. 9), “a noção de comunicação recobre uma multiplicidade de sentidos. [...] a proliferação das tecnologias e a profissionalização das práticas acrescentaram novas vozes a essa polifonia [...]”.

Pensar em comunicação significa pensar nas formas de manifestação do homem. Segundo Peruzzolo (2006, p.128) “o homem se define como indivíduo – na sua ontogênese – como um ser relacional que se desenvolve a partir de relações estabelecidas com o mundo e com o outro [...] tais relações vem especificadas como processos comunicativos”.

Com o desenvolver da comunicação, teóricos e estudiosos passaram a se interessar por este tema. Não é de agora que as teorias da comunicação são assuntos em ampla e constante discussão.

Armand e Mattelart (1995, p. 9) afirmam que:

[...] os processos de comunicação suscitaram o interesse de ciências tão diversas quanto a filosofia, a história, a geografia, a psicologia, a sociologia, a etnologia, a economia, as ciências políticas, a biologia, a cibernética, ou as ciências cognitivas. Ao longo de sua construção, esse campo particular das ciências sociais esteve, por outro lado, continuamente às voltas com a questão de sua legitimidade científica. Isso o conduziu a buscar modelos de cientificidade, a adotar esquemas pertencentes às ciências da natureza, adaptando-os por meio de analogias.

Armand e Mattelart afirmam haver uma problemática na explicação do que vem a ser comunicação. Não diferente disso, a teoria da comunicação também constitui um problema. A contraposição entre as várias escolas, que buscam esclarecer o que vem a ser a teoria da comunicação, é a responsável por tal problemática. Esse problema estaria exatamente na forma como essas relações de comunicação se estabelecem entre os indivíduos. Cada escola, cada teoria formulada a respeito dos processos comunicativos, se baseia em conclusões de seus estudiosos. Sendo assim, cada uma acaba abordando o tema e conhecendo-o de forma diferente.

Armand e Mattelart (1995 p. 11) ressaltam que:

[...] o estatuto e a definição da teoria, a exemplo do que ocorre em várias das ciências do homem e da sociedade, contrapõem-se vigorosamente de

uma escola a outra, de uma epistemologia a outra. [...] uma escola pode abrigar numerosos componentes e estar longe de possuir a homogeneidade que seu nome parece sugerir. Enfim o discurso sobre a comunicação é com freqüência promovido ao estatuto de teoria geral, sem inventário [...].

Na justificativa de esclarecer em que consiste o problema da comunicação, o que se tem como explicação é a reprodução da mensagem. Shannon (1949) apud Armand e Mattelart (1995 p. 58): “Shannon propõe um esquema de ‘sistema geral de comunicação’. O problema da comunicação consiste segundo ele, em reproduzir um ponto dado, de maneira exata ou aproximada, uma mensagem selecionada em outro ponto”.

Segundo o modelo elaborado por Shannon e Weaver, a comunicação tem como componentes a fonte, o codificador, a mensagem, o canal, o decodificador e a destinação.

Armand e Mattelart (1995 p. 58) explicam que:

[...] Nesse esquema linear, cujos pólos definem uma origem e assinalam um fim, a comunicação repousa sobre as cadeias dos seguintes componentes; a *fonte* (de informação), que produz uma mensagem (a palavra no telefone), o *codificador* ou emissor, que transforma a *mensagem* em sinais a fim de torná-la transmissível (o telefone transforma a voz em oscilações elétricas), o *canal*, que é o meio utilizado para transportar os sinais, e a *destinação*, pessoa ou coisa à qual a mensagem é transmitida.

Assim, o universo da comunicação envolve um ser que escolhe o que irá ser transmitido e outro, que com base em seus ideais e conceitos poderá receber o que lhe foi apresentado.

Armand e Mattelart (1995 p. 59 - 60) afirmam que:

[...] o processo de comunicação responde a esse esquema linear que faz da comunicação um processo estocástico, ou seja, afetado por fenômenos aleatórios, entre um emissor que tem a liberdade para escolher a mensagem que envia a um destinatário que recebe essa informação com suas exigências.

Desde o surgimento dos meios de comunicação ficou muito mais fácil difundir informações e torná-las disponíveis a um número cada vez maior de pessoas. Os meios de comunicação tornam possível que fatos e acontecimentos sejam levados de forma rápida e eficaz às pessoas. Além disso, são esses mesmos meios e as informações transmitidas pelas pessoas responsáveis pelo seu funcionamento, capazes de mudar, melhorar, alterar idéias e levar cultura à sociedade.

O Brasil foi o primeiro país da América Latina e o quinto país do mundo a ter transmissão de imagem televisiva. A TV Tupi foi à primeira emissora do país, inaugurada em 18 de setembro de 1950. Não há dúvidas de que a televisão acelerou e aumentou a difusão das informações e de que ela é o principal veículo de comunicação do mundo.

Televisão e rádio são os chamados veículos de comunicação de massa, visto que são eles os responsáveis pela difusão da maioria das informações. São eles os meios de comunicação mais acessíveis à população mundial, embora a internet já tenha ocupado um espaço muito amplo. Os meios de comunicação de massa têm a função de divertir, distrair e, principalmente, de instruir as pessoas, levando até elas, todas as informações e fatos sociais.

## 2. TEORIA CRÍTICA

A Teoria Crítica foi desenvolvida pelos filósofos da Escola de Frankfurt a fim de resgatar os postulados marxistas, mas a partir de um novo contexto histórico, decorrente da mudança cultural pela qual passava a sociedade na década de 40. As novas formas de transmissão cultural decorrente das novas tecnologias que vinha se desenvolvendo de maneira a influenciar e gerar mudanças na sociedade foi à precursora da necessidade de uma teoria que estudasse as conseqüências que esses novos mecanismos vinham causando.

A sociologia funcionalista concebia mídias, novas ferramentas da democracia moderna, como mecanismos decisivos da regulação da sociedade e, nesse contexto, só podia advogar uma teoria voltada para a reprodução dos valores do sistema social, do estado de coisas existente. Escolas de pensamento crítico irão se interrogar sobre as conseqüências do desenvolvimento desses novos meios de produção e transmissão cultural, recusando-se a tomar como evidente a idéia de que, dessas inovações técnicas, a democracia sai necessariamente fortalecida. (ARMAND e MATTELART, 1995, p. 73).

Para o desenvolvimento de suas críticas, os teóricos da Escola de Frankfurt Adorno e Horkheimer realizaram um estudo sobre o movimento operário, chamado de “Estudos sobre autoridade e família”, no qual constataram a economia capitalista, a história, a divisão dessa classe e também a imposição pela qual passavam essas pessoas. As condições de vida desses trabalhadores estudados por Adorno e Horkheimer se associam com a grande reportagem Garis: trabalho e dignidade, uma vez que, o que se tem é a apresentação do modo de vida dessa classe, que assim como a classe dos operários tem os seus conceitos e valores, ou seja, tem a sua cultura, mesmo que muitas vezes “alienada” pela massificação e “implantação” dos produtos culturais.

Susie Roure desenvolveu um artigo chamado Educação e autoridade com base nos estudos realizados por Adorno e Horkheimer sobre a classe operária, de acordo com Roure apud Adorno e Horkheimer (1990, p.191) “a autoridade constitui uma categoria fundamental para a compreensão da história humana e, em especial, da transição para as formas autoritárias de governo no período contemporâneo [...]”.

Em uma sociedade em constante processo de civilização, as imposições vindas de fora podem influenciar nas concepções do sujeito e também na vivência dentro dos lares. Sendo assim, a indústria cultural e a massificação dos produtos culturais podem influenciar no modo de vida das pessoas.

Roure afirma que:

Essa tensão incide também nas relações internas. Tendo como função reproduzir os modos de socialização, atua no sentido de reprimir os impulsos e de formar um sujeito capaz de renunciar, ele mesmo, aos instintos. A repressão cada vez maior implica que as decorrentes reações destrutivas dos indivíduos se voltam contra a própria estrutura familiar [...]

A imposição de um modelo a ser seguido acaba influenciando na vida dos indivíduos, em alguns casos chegando a estabelecer exemplos de família, influenciando até mesmo na subjetividade humana:

[...] a sociedade liberal mantém o modelo de família nuclear burguesa como forma e representação de um ideal a ser perseguido. Ainda que combatida, a intuição deve responder pela adaptação do homem à sociedade, disciplinando a subjetividade para o processo produtivo e promovendo uma aparente harmonia social. (ROURE)

Sendo uma teoria que visa analisar os meios culturais da sociedade, a denominação Indústria Cultural é um dos conceitos debatidos pelos integrantes da Escola de Frankfurt. A análise da cultura como uma forma de obtenção de lucro é destacada nas pesquisas dos filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer. De acordo com Armand e Mattelart (1995 p. 77), “em meados dos anos 40, Adorno e Horkheimer criam o conceito de indústria cultural. Analisam a produção industrial dos bens culturais como movimento global de produção da cultura como mercadoria [...]”.

A fabricação em série dos produtos culturais como filmes, revistas, entre outros é uma marca da indústria cultural, uma vez que, a reprodutibilidade desses elementos produzidos pelos meios de comunicação padroniza a cultura da sociedade de forma a causar uma alienação.

Armand e Mattelart (1995, p.77-78), explica que:

[...] A indústria cultural fornece por toda a parte bens padronizados para satisfazer às numerosas demandas, identificadas como distinções às quais os padrões de produção devem responder. Por intermédio de um modo industrial de produção, obtém-se uma cultura de massa feita por série de objetos que trazem de maneira bem manifesta a marca da indústria cultural: serialização-padronização-divisão do trabalho.

A cultura passa a ser um meio de se obtenção de lucros. As obras de arte já não são apreciadas por sua essência, mas pelo valor financeiro estipulado.

Para Santos (2008, p. 88) “[...] o conceito de indústria cultural designa a maneira como a cultura foi apropriada pelo capitalismo industrial e transformada em atividade econômica a serviço do controle social, que manipula a consciência das massas”.

A dominação dos indivíduos tem a ver com os meios técnicos presentes na sociedade decorrentes da falta de racionalidade e a simples aceitação do que vem sendo imposto pela mídia.

Santos (2008, p. 88), afirma que:

A racionalidade técnica, na sociedade capitalista, em lugar de garantir a autodeterminação dos indivíduos, submeteu-os a dominação de uma sociedade regida por princípios econômicos, excluindo a condição de se insurgirem contra o sistema estabelecido.

As críticas aos meios de comunicação também se fazem presente nas análises dos filósofos da teoria crítica. Os veículos midiáticos, dentre eles a televisão, são vistos como contribuintes para a formação de idéias e da opinião da sociedade. A implantação da TV nos lares aumentou grandemente, o que acabou levando a análise desse meio por parte dos teóricos. De acordo com Santos (2008 p. 51), “por entrar nos lares e ficar no centro do espaço de reunião familiar [...], além de influenciar nas decisões de ser utilizada para impor idéias, a tevê sofre críticas de parte dos teóricos da comunicação”.

A intenção de obter lucros utilizando como ferramenta a mídia televisiva para dar a finalidade do indivíduo como consumista e, a padronização do gosto da população causada pela televisão são as principais críticas dos teóricos da Escola de Frankfurt ao meio televisivo.

Apesar da característica influenciadora que muitos teóricos críticos enxergam no meio televisivo a abordagem de temas que dizem respeito a sociedade é um ponto positivo da televisão.

No entanto, apesar dos pontos negativos [...], é imperativo lembrar que o conteúdo veiculado pela TV [...] reflete a sociedade em que ela está inserida e seu momento histórico. O receptor também é responsável por aquilo que a televisão lhe oferece, uma vez que a audiência determina o que vai ou não ao ar [...] (SANTOS 2008, p. 51).

Por fim, os homens mesmo com a capacidade de racionalização, ou seja, mesmo sendo capazes de pensar e refletir, acabam se tornando seres irracionais que de forma muitas vezes impensada simplesmente aceitam o que lhes está sendo apresentado, já que se tem uma sociedade consumista, dependente de uma cultura imposta por meios midiáticos, imposição essa que influencia até no lazer.

A consciência dos consumidores está cindida entre gracejo regulamentar, que lhe prescreve a indústria cultural, e uma nem mesmo muito oculta dúvida de seus benefícios. A idéia de que o mundo quer ser enganado tornou-se bem mais verdadeira do que, sem dúvida, jamais pretendeu ser. Não somente os homens caem no longo, como se diz, desde que isso lhes dê uma satisfação, mais fugaz que seja, como também desejam essa impostura que eles próprios entrevêem; esforçam-se por fecharem os olhos e aprovam, numa espécie de autodesprezo, aquilo que lhes ocorrem e do qual sabem porque é fabricado. Sem o confessar, pressentem que suas vidas se lhes tornam intoleráveis tão logo não mais se agarrem a satisfação que, na realidade, não são. (ADORNO 1986, p. 96).

### 3. CULTURA DE MASSA E CULTURA POPULAR

Os termos cultura de massa e cultura popular muito têm sido questionados. Muitas vezes o que se tem desses conceitos é uma visão estereotipada, de forma a associar a cultura de massa e a cultura popular como algo inferior. Márcia Franz Amaral (2006, p.89), diz que “a cultura das classes mais pobres não é inferior à cultura das classes mais ricas apenas por ser cultura da classe pobre, mas, cada um constrói a sua cultura de acordo com os recursos que possui”.

A idéia do que vem a ser cultura está no pensamento de cada um, o que está diretamente ligado às raízes que cada cidadão possui, de acordo com a forma como foi criado e educado. Para Bosi (1982, p.15), “quando desejamos compreender a cultura das classes percebemos que ela já esta ligada à existência e à própria sobrevivência dessas classes”. Nesse contexto a cultura da classe dos trabalhadores da limpeza está ligada à sua realidade<sup>3</sup>.

Ecléa Bosi ao analisar a cultura da classe das operárias de uma fábrica de São Paulo diz que essas operárias têm um desejo de instrução, quando não para elas, para os filhos. Não diferente disso, os trabalhadores da limpeza também têm esse desejo de instrução. O gari Alexandro de Oliveira está concluindo um curso técnico em enfermagem e diz sonhar com uma profissão melhor. “Pretendo atuar ajudando as pessoas. É isso que eu busco. Não apenas buscar o status, isso é uma coisa que eu não quero. Quero sempre evoluir, para continuar ajudando as pessoas que precisam.” (ver entrevista apêndice U).

Para a análise da cultura popular é necessário um ponto de vista, uma vez que, essa definição não é uma tarefa simples.

Bosi (1972, p. 78) diz que:

Antonio Gramsci formula a questão em termos de estruturas ideológicas da sociedade: ao lado da chamada cultura erudita, transmitida na escola e sancionada pelas instituições, existe a cultura criada *pelo povo*, que articula uma concepção do mundo e da vida em contraposição aos esquemas oficiais. Há nesta última, é verdade, estratos fossilizados, conservadores, e até mesmo retrógrados, que refletem condições de vidas passadas, mas também há formas criadoras, progressistas, que contradizem a moral dos estratos dirigentes [...]

---

<sup>3</sup> O jogo de baralho durante os minutos de folga na hora do almoço ou no café, como forma de descontração nas horas vagas, não deixa de ser uma cultura dessa classe.

Se a cultura popular antes era vista como algo relacionado ao folclore, atualmente esse conceito mudou. Os novos meios técnicos contribuíram para essa mudança.

A cultura de massa vai além do trabalho, da festa e da família. De acordo com Morin (1997, p. 68), “o novo tempo livre conquistado sobre a necessidade, se enche de conteúdos que abandonam o trabalho, a família e a festa”.

O lazer pode causar sentimento de satisfação para muitos, mas, juntamente com ele está a fabricação em série que possibilita os bens industriais. Bens esses que fazem com que o sujeito tenha um lazer embasado em produtos técnicos.

Morin (1997, p. 68) afirma que:

[...] os lazeres abrem os horizontes do bem-estar, do consumo e de uma nova vida privada. A fabricação em série, a venda a crédito abrem as portas para os bens industriais, para a limpeza do lar com aparelhos eletrodomésticos, para os fins-de-semana motorizados. É então possível começar a participar da civilização do bem-estar, e essa participação embrionária no consumo significa que o lazer não é mais apenas o vazio do repouso e da recuperação física nervosa; não é mais participação coletiva na festa, não é tanto a participação nas atividades familiares produtivas ou acumulativas, é também, progressivamente a possibilidade de ter uma vida consumidora.

O lazer dos dias atuais faz com que o homem se encontre enquanto indivíduo, deixando e ao mesmo tempo “fugindo” de todos os problemas encontrados na sua rotina diária. De acordo com Morin (1997, p. 69), “o lazer moderno surge, portanto, como o tecido mesmo da vida pessoal, o centro onde o homem procura se afirmar enquanto indivíduo privado”.

Assim o lazer está ligado à cultura de massa, de forma que, por meio dessa cultura, as dificuldades encontradas são ignoradas, o que passa a ser importante então é o bem-estar.

A cultura de massa pode assim ser considerada como uma gigantesca ética do lazer. Vamos dizer de outro modo: a ética do lazer, que desabrocha em detrimento da ética do trabalho e ao lado de outras éticas vacilantes, toma corpo e se estrutura na cultura de massa. (MORIN,1997, p. 69).

#### 4. COMUNICAÇÃO TELEVISIVA

A comunicação como um todo precisa de formas adequadas de linguagem para ser funcional. Nesse contexto, os meios de comunicação têm linguagens próprias para fazer com que as informações cheguem da forma mais rápida e coerente aos olhos e ouvidos dos telespectadores.

Com a televisão não é diferente. Ela possui linguagem própria e que deve ser seguida para o bom funcionamento do veículo televisivo.

“A televisão consiste em ver de longe. Nela, a imagem e o olhar predominam sobre o falar, pois a televisão está em função da imagem visual, por excelência”. (CANIATO e CHRISTOFOLLI ABECHE, 2007).

Tão importante quanto o texto na linguagem televisiva, são as imagens. O texto televisivo não deve ser muito longo ou complexo, já que precisa ser de fácil entendimento para alcançar todos os públicos. Ao veicular uma notícia, deve-se ter claro que ela poderá ser assistida por pessoas de diferentes idades, níveis sociais e intelectuais e que a informação precisa ser assimilada por todos.

De acordo com Paternostro (1999, p.61) “coloquial, claro e preciso. Objetivo, direto. Informativo, simples e pausado. São características de um texto jornalístico de televisão. São também desafios para quem quer escrever para TV.”

Embora a imagem seja de extrema importância na linguagem televisiva, a televisão não é só imagem, ou apenas som. É uma combinação entre som e imagem. Para que funcione, essa combinação deve ser feita de forma totalmente planejada e adequada, no intuito de alcançar os telespectadores e fazer com que eles entendam as necessidades do grupo.

Ainda de acordo com Paternostro (1999, p.61), “a televisão combina a utilização simultânea de dois sentidos dos seres humanos, a visão e a audição.” Sendo assim, ao trabalhar com esse meio de comunicação, devemos considerar não apenas a linguagem verbal, mas também a não-verbal. Muitas vezes, em televisão, uma imagem vale mais que palavras.

A linguagem verbal, dentro do jornalismo, é organizada de forma a facilitar a compreensão do telespectador e também na tentativa de despertar sua atenção para a notícia. Pode ser dividida em offs, sonoras, passagens, notas cobertas (ver quadro pág. 34). Já a linguagem não-verbal é a que vai atrair os olhos do telespectador para a tela da televisão. Imagens, iluminação, enquadramentos

diferenciados, cores, tudo que, mesmo não dito, é recebido faz sentido para o telespectador.

“Em telejornalismo, a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem competir um com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde a sua função. O papel da palavra é dar apoio à imagem e não brigar com ela.” (PATERNOSTRO, 1999, p.72).

## 5. JORNALISMO

O jornalismo é o responsável pela transmissão dos acontecimentos à sociedade, uma vez que a mantém informada sobre os fatos que acontecem no meio em que a população está inserida. De acordo com José Marques de Melo, em entrevista concedida em maio de 2008 para o blog gêneros jornalísticos, “[...] O jornalismo se caracteriza por ser uma atividade de informação no sentido de atender a curiosidade do ser humano de saber o que está acontecendo ao seu redor [...]”.<sup>4</sup>

No exercício do jornalismo, é necessário estabelecer uma relação entre o gênero e a sociedade, já que o jornalista é o responsável em apresentar os fatos sociais para a própria sociedade envolvida nele. A possibilidade de transformar a realidade das pessoas caracteriza o “poder” de influência que o jornalismo pode ter. De acordo com Chaparro em um vídeo publicado no blog O Xis da Questão, em fevereiro de 2008, “O jornalismo tem a ver com a vida [...]. Porque aquilo que é notícia só é notícia porque tem algum potencial de transformar a realidade. Então o jornalismo não lida com o efêmero, o jornalismo lida com a transformação”.<sup>5</sup>

O jornalismo brasileiro apresenta um misto de diretrizes. As tendências vindas de outros países muito influíram em seus conceitos e no seu desenvolvimento.

Melo (2006, p.67) afirma que:

[...] o jornalismo brasileiro tem uma fisionomia entrecortada por múltiplas diretrizes, algumas convivendo contraditoriamente no estilo que nos trouxeram os portugueses, outras que nos chegaram através dos processos de comunicação intercultural implícitos nos movimentos migratórios, e também aqueles que emergiram de situação de independência tecnológica e econômica, que incluem no seu bojo alterações simbólicas fundamentais.

Na sociedade atual, o jornalista desenvolve uma função fundamental. De acordo com Santos (2002, p. 5), “o profissional de comunicação tem um papel imprescindível na sociedade contemporânea [...]. Nunca em outro período da história a produção do conhecimento foi tão difundida e acessível [...]”.

No meio universitário, o jornalismo se divide em quatro momentos. De acordo com Melo (2006, p. 18), “esses momentos podem ser chamados de *ético-social*, *técnico-editorial*, *político ideológico* e *crítico profissional*”. A questão da veracidade, a

<sup>4</sup> <<http://generos-jornalisticos.blogspot.com/2008/05/o-que-jornalismo-possivel-entender.html>>. Acesso em: 17/09/2008

<sup>5</sup> <<http://www.oxisdaquestao.com.br/busca.asp>>. Acesso em: 17/09/2008

preocupação com a prática do fazer jornalismo, as reflexões sobre a indústria cultural e a busca da reflexão sobre a profissão são os destaques de José Marques de Melo para cada momento apresentado.

O conceito de objetividade é uma das principais discussões sobre a característica do fazer jornalístico. De acordo com Melo (2006, p.38 apud MELO 1972, p.12-13), “a questão da objetividade nasce com o próprio jornalismo”.

A consideração ao leitor é o que impõe até onde vai à objetividade no jornalismo, para que os fatos apresentados pelos profissionais da área não se estendam à subjetividade.

Desta maneira a fronteira entre o *relato objetivo* e a narração *subjetiva* era tida britanicamente como uma posição de *respeito ao leitor* que poderia ter acesso à versão dos fatos e conhecer também a sua interpretação, formulando *racionalmente* sua conclusão pessoal. (MELO, 2006, p. 38).

A objetividade, com o decorrer do tempo, passou a ser fundamental no desenvolver do jornalismo, se apresentando como um padrão a ser seguido pelo bom jornalista no exercício de sua profissão.

Melo (2006, p. 43) afirma que:

[...] a idéia de objetividade assumiu o caráter de “doutrina”, deixando de ser “compromisso ético” e transmutando-se num “receituário para a ação”. Operou-se um reducionismo instrumental, convertendo-se a objetividade em norma, padrão de atuação profissional.

Relatar os fatos, mostrar os acontecimentos, levar a informação às pessoas, mostrar a realidade aos cidadãos. Esses são os motivos que fazem com que essa profissão tenha características ideológicas, com base no conceito de ideologia como sistema de idéias. Para Melo (2006, p. 56), “a ideologia [...], se trata de algo inerente a qualquer processo social de comunicação”. Partindo deste ponto de vista o jornalismo tem as suas relações com a ideologia. Muitas vezes os profissionais de jornalismo se apresentam como precursores da visão do mundo de muitas pessoas.

Melo (2006, p. 56) explica que:

[...] a atividade jornalística é eminentemente ideológica. Apreender os fatos e relatá-los por intermédio de veículos de difusão coletiva significa, nada mais, nada menos, que projetar visões do mundo. E é exatamente isso que os jornalistas fazem cotidianamente. Atuam como mediadores entre os acontecimentos, seus protagonistas e os indivíduos que compõem um universo sociocultural (público destinatário).

A responsabilidade dos profissionais do jornalismo para com a sociedade é grande, pois eles são os intercessores do debate na sociedade. Folquening (2002, p.105) destaca que:

De todos os setores humanos possivelmente identificados como sujeitos de atuação direta na construção do espaço público, são os jornalistas a categoria profissional mais visível – pelo menos como responsável direta pela mediação do debate na sociedade.

## 5.1. JORNALISMO SOCIAL

O jornalismo social compreende uma forma de tentar levar às pessoas os problemas existentes na sociedade. A função do jornalista dentro do jornalismo social é fazer com que as pessoas tomem conhecimento dos problemas e das necessidades enfrentadas pela sociedade em que vivem. Não é função do jornalismo social resolver os problemas sociais, até porque isso não seria possível, mas sim, fazer com que a sociedade acorde para a realidade à sua volta.

Como jornalismo de interesse humano é pleonasma, é fundamental um jornalismo de responsabilidade social, que trate dos temas de interesse comum da sociedade. No caso da imprensa popular, o jornalismo deve dar conta especialmente dos problemas sociais vividos diariamente pelo público. (MÁRCIA FRANZ AMARAL, 2006, p.129).

A sociedade constrói e participa ativamente da formação do país. É participante nas mudanças e construções em todos os setores. Se não houvesse a sociedade, não seriam necessárias leis, nem normas e regras. Não diferente, a categoria dos trabalhadores da limpeza também faz parte desta sociedade. O jornalismo social não tem a intenção de diminuir ou de sanar as desigualdades sociais, mas sim, de apresentá-las aos indivíduos participantes dessa sociedade.

Em monografia defendida em novembro de 2006, como Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Santa Cecília de Santos (Unisantia), as ex-alunas Bianca Pyl e Michelle Barreto afirmam que o que se tem no Brasil é um jornalismo social retardatário devido à ditadura militar, uma vez que, nesse período, os olhos jornalísticos se voltavam mais para as questões políticas. Após o período ditatorial, a população passa a se envolver mais com os temas antes restritos ao governo. Salienta-se também que após a ditadura o terceiro setor ganha forças. O terceiro setor constitui um campo formado por atividades e instituições sem fins lucrativos e desenvolvidas pela sociedade civil. Com ele, cresce também o número das organizações não governamentais. Essas organizações não governamentais

são entidades e associações que atuam em diversas áreas como meio ambiente, combate à fome e à pobreza, assistência social, educação, desenvolvimento sustentável, entre outras.

O jornalismo social vem crescendo e ganhando forças no meio jornalístico. Priorizar os problemas sociais e torná-los foco, dando visibilidade e buscando incentivos é o objetivo do jornalismo social.

Cremilda Medina (1982) aborda aspectos como a interação social do jornalista para com a sociedade e a sua função para com a população. O jornalista social deve apresentar interação com a sociedade, uma vez que a sociedade é o seu foco principal. A autora afirma ainda que a profissão de jornalismo corresponde ou pelo menos deveria corresponder à responsabilidade social.

Cremilda Medina aponta um jornalismo cujos profissionais vivem sob a pressão do tempo, onde há correria para que uma matéria seja, ao menos, publicada. Esse fator segundo a autora impede uma reflexão sobre o fazer jornalístico e assim passa despercebida também a reflexão sobre a função social do profissional jornalista.

Não tem como falar em jornalismo social sem recorrer a “velhas” denominações da cultura que muito já se tem falado como: cultura de massa e cultura popular.

Medina diz existir teóricos preocupados em analisar a cultura de massa como algo “decorrente” de pessoas que manipulam, denominados de “engenheiros de emoção”.

Medina (1982 p.102) diz:

Muitos críticos só vêem a caixa opaca da cultura de massa e essa embalagem multifaceta de cor, brilhos, cavalinhos de circo, bandas triunfantes e *happy-ends*. Acusam, então, de dedo em riste os manipuladores das consciências de estarem fazendo o papel de ilusionistas, desviando a audiência de seus efetivos problemas sociais...

Márcia Franz Amaral (2006, p.89) diz que a cultura das classes mais pobres não é inferior a cultura das classes mais ricas apenas por ser cultura da classe pobre, mas, cada um constrói a sua cultura de acordo com os recursos que possui.

No meio jornalístico é importante saber a linguagem do público com o qual o jornalista está tratando. Medina ressalta que alguns meios de comunicação resistem

em uma linguagem de uma elite alfabetizada, mas para fazer o jornalismo social tem de saber a linguagem deste público.

Medina (1982 p.109) diz:

[...] Nenhum jornalista conciso de um papel social poderá exercer essa função sem domínio de uma linguagem tão socializada quanto aos conteúdos de que é portador. E não se trata aqui de um autor individualizado, verdadeiro artista de obras únicas, primores de linguagem.

Lidar com o jornalismo social leva muitas vezes o jornalista a formar uma opinião, deixando aquela idéia de imparcialidade, que tanto se é pregado no jornalismo.

Medina (1982, p.117) afirma:

[...] O profissional que lida com essa categoria pseudoteorizante - das duas uma, ou lida com um jornalismo opinativo de gabinete, ditando cátedra para o mundo, ou usa vendas e não vê o que acontece com as mensagens emitidas em seu veículo.

A busca muitas vezes técnica pela melhor forma para exercer o papel social do jornalismo apontada por Cremilda Medina (1982) varia. Criação do simples, saber a linguagem sociabilizada, compreender o que se passa dentro das sociedades que serão retratadas, entre outras.

Medina (1982 p.123) enfatiza:

Na realidade, o instrumento de luta de qualquer jornalista para exercer conscientemente seu papel social é hoje em dia um instrumento técnico. Saber fazer, saber lidar com sua profissão, retirando dela o máximo de seu potencial, ou seja, formulando mensagens que se multiplicam indistintamente.

## 5.2. JORNALISMO AMBIENTAL

O tema meio ambiente tem sido debatido no mundo todo. Tentar achar respostas e caminhos para a preservação ambiental do local em que vivemos são alguns dos meios encontrados pela mídia para a conscientização da população mundial.

Trigueiro (2005, p.07) aponta como uma das funções da mídia a indicação de novos meios para a preservação ambiental. Trigueiro afirma ainda que haja na mídia reflexos sobre a necessidade de mudança da sustentabilidade, mas que esses reflexos não são suficientes. O que o autor aponta é a necessidade de um olhar que

revele o cenário apontado pelos cientistas ao analisarem a realidade em que se encontra o meio ambiente.

De acordo com Trigueiro (2005, p.07):

Entretanto na era da informação, é enorme a responsabilidade dos profissionais do chamado quarto poder, no sentido de denunciar os paradoxos desse modelo de desenvolvimento e, sempre que possível, sinalizar rumo e perspectiva para leitores, ouvintes, telespectadores e internautas.

Trigueiro (2005) destaca relatórios internacionais científicos que apontam o consumismo como um dos vilões ambientais dos últimos tempos, tendo como influência, a Revolução Industrial que trouxe consigo o avanço tecnológico. De acordo com Lisa Gunn em Trigueiro (2005, p.39) “nos últimos cinquenta anos a população mundial mais do que dobrou, indo de 2,5 bilhões (1950) para 6 bilhões (2000)”. O crescimento populacional fez com que a industrialização tomasse impulso, o que levou a um aumento do consumo e assim a quantidade de lixo produzido também aumentou.

É praticamente impossível nos dias de hoje não se falar em consumismo, tendo uma sociedade em que quase tudo gira em torno do consumo. Mas é esse consumismo interminável, um dos grandes responsáveis pela quantidade, cada vez maior de lixo, que vem sendo produzida de forma prejudicial ao meio ambiente.

Trigueiro (2005, pg.39) ressalta:

Com a globalização, o mundo se tornou pequeno e o estilo de vida consumista se espalha pelos diferentes países. Hoje falamos de uma classe global de consumidores, que consome os mesmos produtos das mesmas marcas em diferentes cidades do globo.

Trigueiro apresenta formas de como diminuir o problema do lixo que vem sendo prejudicial ao meio ambiente. Uma das soluções apontadas pelo autor é a separação dos resíduos e um olhar novo sobre aquilo que consideramos lixo.

Mas a questão do lixo não diz respeito somente à população. É claro que a sociedade tem de ter consciência. Mas, cabe aos prefeitos o dever de resolver os problemas relacionados ao lixo produzido pelas suas cidades.

Trigueiro (2005, p.45) afirma:

Quem tem a obrigação de cuidar do lixo e do entulho é o prefeito. Essa atribuição é do município, e um dos mais importantes desafios dos

prefeitos é promover a coleta, o transporte e a destinação inteligente dos resíduos sólidos.

Cabe a cada um como responsável pelo local onde vive fazer o seu papel de cidadão, contribuindo para uma melhoria no meio ambiente. Aos jornalistas e também aos futuros jornalistas, que estes usem de seu papel de informantes para mostrar à sociedade o quão importante é a preservação do ambiente em que todos vivem.

### 5.3. A GRANDE REPORTAGEM

Dentro dos formatos jornalísticos televisivos podemos encontrar reportagem, documentários, notas e outro tipo de formato conhecido como grande reportagem.

A grande reportagem difere da reportagem por trabalhar um assunto, um fato de forma mais intensiva e detalhada. Ela não se restringe apenas em mostrar o fato de forma sucinta, mas sim, o apresenta com profundidade. A intenção é dar mais espaço para as fontes de informação, abrangendo e abordando melhor o assunto discutido.

Diariamente, os veículos desprezam o acompanhamento de boas histórias. No caso específico da violência, houve uma banalização tão grande, nos anos recentes, que em muitos casos o tema já não é mais notícia. Mas a cobertura da imprensa, de modo geral – do noticiário local à política, do esporte à economia – tem se tornado cada vez mais burocrática e superficial, obrigando os profissionais interessados na reportagem a procurar caminhos alternativos. (BELO, 2006, p.14)

Normalmente, pela economia de tempo e de espaço nos veículos de comunicação, a imprensa tem se restringido a realizar matérias “enxutas”, que contenham o máximo de informação no mínimo de tempo. É claro que pela velocidade das informações isso se faz necessário em muitos casos, mas existem fatos e notícias que, às vezes, merecem uma atenção e uma cobertura especial para serem retratados de forma competente e para que alcancem o objetivo esperado. É aí que entram os vídeodocumentários e as chamadas grandes reportagens.

A grande reportagem reúne vários e novos aspectos de um mesmo fato, é construída em torno de um acontecimento central. A partir daí, buscam-se fatos, idéias que complementem a notícia. Várias abordagens, vários pontos de vista de um mesmo acontecimento estão presentes na concepção de uma grande

reportagem. É a pesquisa sobre a notícia, na tentativa de desvendar todos os seus aspectos e características.

O que deve estar claro na criação de uma grande reportagem é que o jornalista terá que buscar alternativas para prender a atenção do telespectador durante o desenrolar dos fatos. Imagens diferenciadas, entrevistas, diálogos, sons, cores, tudo deve ser usado na intenção de tornar o produto mais atrativo e diferenciado.

Passagem	Off	Sonora	Sonora	Imagens
São os textos que estão no script, normalmente curtos, basicamente introduzem um fato que dará continuidade à reportagem. As passagens normalmente são gravadas pelo repórter no local do acontecimento.	É toda a informação que é narrada pelo repórter, gravada em estúdio e que depois será coberta com imagens dos fatos. Os offs normalmente estão de acordo com as imagens que serão mostradas durante a narração. As informações dos offs normalmente são informações colhidas pelo repórter junto às suas fontes.	É a fala dos entrevistados. É introduzida normalmente após offs ou passagens. É o momento em que o repórter mostra ao telespectador que a fonte realmente foi ouvida e que as informações são verídicas. Dão credibilidade à reportagem.	Pode-se usar o som ambiente sob a narração ou os sons, dando mais importância às manifestações captadas pela câmera. Além disso, também podem ser inseridas trilhas sonoras, músicas ou toques que acrescentem suavidade e energia à ação presente na reportagem.	As imagens são as principais influenciadoras no produto televisivo. Uma boa imagem torna desnecessário muitas palavras. na reportagem televisiva, as imagens devem ser bastante exploradas, para levar os telespectadores a entenderem a mensagem transmitida.

Quadro 1: Alguns dos elementos estruturais da reportagem de acordo com Rezende, 2000:

## 6. MARINGÁ

A grande reportagem “Garis – trabalho e dignidade” mostra a realidade dos profissionais da limpeza no município de Maringá, Paraná. Por esse motivo, tem-se a necessidade de contextualizar um pouco da história dessa cidade tão recente e que possui tanta importância para o estado paranaense. Maringá é hoje, a terceira maior cidade do Estado, com uma população de aproximadamente 320 mil habitantes, o que a torna foco para muitas matérias e reportagens.

O urbanista paulista Jorge de Macedo Vieira, lápis à mão, diante de sua prancheta, idealizou o traçado de Maringá sem jamais ter visitado o lugar, inspirado nas cidades-jardins de Ebenezer Howard e nas Cartas de Atenas. Imaginou as avenidas com seus canteiros, as ruas, a área central, os bairros, enfim. E assim o fez. O padrão de desenho urbano utilizado em Maringá buscava um traçado que se adequaria às características da paisagem e clima locais, bem como a proteção dos fundos de vale de vegetação natural, criando-se amplos parques integrados à malha viária. O projeto obedecia a um zoneamento de usos e níveis de habitação, sendo a cidade dividida em várias zonas, como as de comércio, indústria, armazéns, habitação de vários padrões e uma área de serviços públicos administrativos. (RECCO, 2005, p.36).

Cidade modelo quando se fala em arborização, bem estar e saúde, Maringá é resultado de uma colonização planejada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e executada por pioneiros vindos de vários estados do Brasil, principalmente São Paulo e Minas Gerais. Nomes como Antenor Sanches, Joaquim Romero Fontes, Calil Haddad, entre outros, se destacam dentre os pioneiros maringaenses. No início, o comércio aqui existente era movido pela compra e venda de terras. Em 1938, teve início o povoamento da cidade. Povoamento esse que começou na região hoje conhecida como Maringá Velho. Com o passar dos anos, Maringá começou a expandir. Em 10 de maio de 1947, data de sua fundação, ganhou a posição de Distrito de Mandaguari. Em 1948 elevou-se a categoria de vila.

De acordo com Recco (2005), em 14 de novembro de 1951, através da Lei 790/51, foi elevada a categoria de município, com área de 486.527 km<sup>2</sup>, contando com os distritos de Iguatemi, Floriano e Ivatuba.

O primeiro prefeito maringaense foi eleito no final desse mesmo ano. Em 1954 foi considerada Comarca e por fim em 1998 chegou à categoria de sede da Região Metropolitana tendo além de Maringá os municípios de Sarandi, Paiçandu, Mandaguaçu, Marialva, Mandaguari, Iguaraçu e Ângulo.

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Maringá, após quase 57 anos de sua emancipação política, Maringá continua em amplo e constante crescimento e desenvolvimento. Já possui em seu traçado urbano, 88 avenidas, 875 ruas, 79 praças, bosques e o Horto Florestal, embelezados por cerca de 160.000 árvores. (ver figura 1).

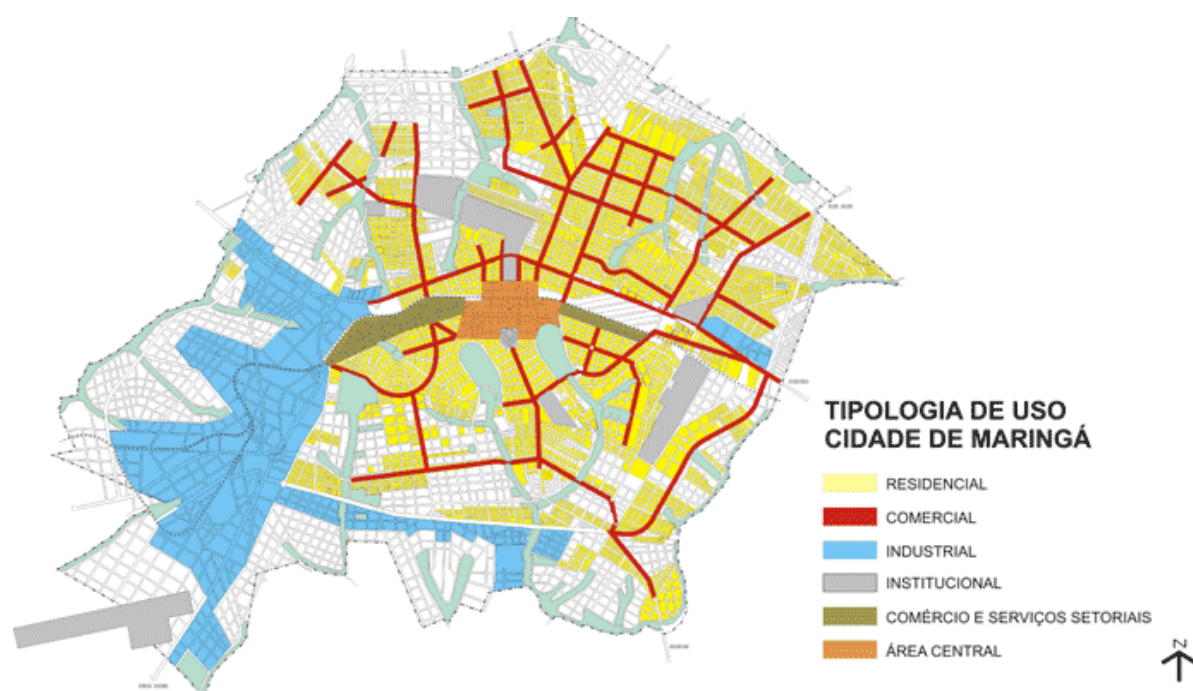


Figura 1- Mapa de Maringá<sup>6</sup>

Ainda segundo dados da prefeitura, o nome “Maringá” surgiu através de uma música feita pelo compositor Joubert de Carvalho para homenagear uma cabocla de nome Maria que morava na Paraíba. Da combinação Maria do Ingá, fez-se a junção das palavras e formou-se o nome Maringá. É devido a esse fato que a cidade tem o carinhoso apelido de Cidade Canção<sup>7</sup>.

A bandeira maringaense é representada por três cores. A branca simboliza paz, o amarelo representa força e o vermelho simboliza a coragem. No Brasão do município (ver figura 2) pode ser visto uma mistura de simbologias com cada um dos instrumentos nele apresentados. A lira, um instrumento musical que simboliza o nome da cidade. A estrela de ouro representa a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, principal fundadora da cidade. O machado é um instrumento de trabalho

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.codem.org.br/investe/img/mapa4.gif>. Acesso em 02/11/2008

<sup>7</sup> Dados disponíveis em [www.maringa.pr.gov.br](http://www.maringa.pr.gov.br). Acesso em: 15/08/2008

utilizado pelos pioneiros para desbravar nossa terra. O Cruzeiro do Sul representa a fé cristã e o espírito de nacionalidade. O galho de café e o trigo simbolizam os produtos existentes na região e, lá, bem no topo do Brasão encontra-se o Muro de cinco Torres que representa a cidade de Maringá<sup>8</sup>.



Figura 2 – Brasão de Maringá<sup>9</sup>.

Atualmente Maringá é destaque no país no que diz respeito à arborização. As mais de 160 mil árvores, existentes na cidade e catalogadas pelo Instituto Ambiental do Paraná, são as responsáveis por este título. De acordo com o Censo da Árvore de Maringá, das 113 espécies de árvores existentes no município, se destacam as Sibipirunas, que constituem aproximadamente 40% do total de árvores da cidade.

Segundo dados da Prefeitura municipal, a cidade conta com uma população de aproximadamente 326 mil habitantes. Desse total, 52% são mulheres e 48% homens. Com o Índice de Desenvolvimento Humano 0,841 (6º maior do estado e 67º nacional), de acordo com dados da Organização das Nações Unidas, o município se destaca pela qualidade de vida, considerada muito alta.

---

<sup>8</sup> Dados disponíveis em <[www.maringa.pr.gov.br](http://www.maringa.pr.gov.br)>. Acesso em: 15/08/2008

<sup>9</sup> Disponível em [http://www.paranaturismo.com.br/cidades/maringa/brasao\\_maringa.jpg](http://www.paranaturismo.com.br/cidades/maringa/brasao_maringa.jpg). Acesso em 02/11/2008

## 7. TRABALHADORES DA LIMPEZA

Os garis são os profissionais que recolhem o lixo das residências, indústrias e edifícios comerciais e residenciais, varrem ruas, praças e parques municipais, capinam a grama, lavam e desinfetam vias públicas. São eles os responsáveis pela manutenção e limpeza do ambiente urbano.

O nome gari é uma homenagem a um cidadão que se destacou na história da limpeza da cidade do Rio de Janeiro – o francês Aleixo Gary. “Empresário que em 11 de outubro de 1876, assinou contrato com o Ministério Imperial para organizar o serviço de limpeza da cidade. De acordo com a história, com a necessidade de limpeza e de zelar pelo bem-estar da população, o governo da época decidiu contratar pessoas que ficassem responsáveis pela limpeza das ruas da cidade. O serviço incluía remoção de lixo das casas e praias e posterior transporte para a Ilha de Sapucaia, onde hoje fica o bairro Caju. Com o passar do tempo foram sendo criadas as ferramentas de trabalho.

Segundo Laurentino Gomes 2007, a sujeira e a falta de bons modos dos moradores eram os problemas da cidade:

A limpeza da cidade estava toda confinada aos urubus (...) ficou impressionado com o número de ratos que infestavam a cidade e seus arredores. Muitas das melhores casas estão de tal forma repletas deles que durante um jantar não é incomum vê-los passeando pela sala (GOMES, 2007, p.157).

De acordo com Gomes, a urina e as fezes dos moradores eram recolhidas e jogadas no mar, pois não havia esgotos na cidade. O calor juntamente com a falta de higiene possibilitava doenças na população.

Devido à necessidade de mão-de-obra, novos ajudantes, novas pessoas foram sendo contratadas para exercer a profissão. A população chamava esses profissionais de a turma do Gari, devido ao sobrenome de Aleixo. É a partir de então que surge a denominação para os profissionais da limpeza, “Garis”. Aleixo Gary permaneceu no cargo até o vencimento do contrato, em 1891<sup>10</sup>.

A classe trabalhadora dos garis possui carteira assinada e todos os direitos de qualquer funcionário público. Uma lei de 31 de outubro de 1962 decretou que a categoria tem seu dia comemorado em 16 de maio. Dia do Profissional da limpeza. A categoria é a que mais emprega mão-de-obra de baixa escolaridade no Brasil: 1,5

---

<sup>10</sup> Disponível em <[www.velhosamigos.com.br/DatasEspeciais/diagari.html](http://www.velhosamigos.com.br/DatasEspeciais/diagari.html)>. Acesso em 12/05/2008

milhão de empregos. Só no Paraná são mais de 50 mil pessoas que trabalham no setor.<sup>11</sup>

Trigueiro (2005, p. 45) afirma que “invariavelmente, são pessoas com idade acima dos 30 anos, baixa escolaridade (maioria sem primeiro grau completo) e muitas dificuldades de encontrar vagas no mercado de trabalho formal. Esses são os verdadeiros excluídos”.

O surgimento das mulheres trabalhadoras da limpeza, as chamadas Margaridas, se deu durante a década de 70, uma vez que neste período faltava mão-de-obra masculina para o trabalho da limpeza em São Paulo. Foi então que se incluíram as mulheres para trabalhar na limpeza da cidade. A intenção era criar para essas mulheres um nome que se tornasse reconhecido dentre a população, surge então a denominação Margaridas. A explicação do nome se dá pela cor branca que remete à limpeza e a comparação da mulher a uma flor. Além disso, dentro do nome margarida está contida a palavra gari. É assim que surgem as mulheres responsáveis pela preservação da limpeza das ruas, as Margaridas.<sup>12</sup>

## 7.1. OS TRABALHADORES DA LIMPEZA COMO OBJETO DE ANÁLISE SÓCIO-AMBIENTAL

A grande reportagem “*Garis: trabalho e dignidade*”, objetiva levar à população maringense uma nova visão sobre essa classe tão esquecida e abandonada dentro do contexto urbano. A intenção é que os telespectadores tenham a oportunidade de observar, analisar, discutir e pensar sobre assuntos relevantes e de interesse público. A importância e a contribuição dessas pessoas [garis] para o desenvolvimento de uma sociedade mais culta, mais organizada e melhor desenvolvida e estruturada. Mais culta no sentido de se fazer pensar. Pensar sobre a importância das contribuições de uma categoria tida, muitas vezes, como supérflua e desnecessária. Mais culta a partir do momento que se torne menos preconceituosa e discriminatória, e quem sabe, mais agregadora.

Martin-Barbero afirma que quando várias pessoas se reúnem em frente a uma televisão para assistir a um mesmo programa, seja uma novela, um filme ou

---

<sup>11</sup> Disponível em <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/pwdtcomemorativas/default.php?>>. Acesso em 20/09/2008

<sup>12</sup> Disponível em <<http://www.vega.com.br/item.asp?id=261>>. Acesso em 20/08/2008

noticiário, essas pessoas se tornam uma comunidade, uma comunidade envolvida e inserida em um mesmo aspecto social, mesmo que momentâneo. Ainda segundo o autor, “o espaço público da mídia, especialmente da televisão, é um espaço público não apenas quando assume esse papel, quando faz debates políticos nas eleições ou quando há grandes debates.” MARTIN-BARBERO (2003, p. 247)

Ainda segundo Martin-Barbero, a comunicação tem, muitas vezes, se convertido em um espaço estratégico, onde se pode pensar e refletir um caminho entre o subdesenvolvimento e a modernização. “Assim, o eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais”. MARTIN-BARBERO (2003, p. 247).

A comunicação consiste em um modo de se veicular informações e de torná-las acessíveis a um número cada vez maior de pessoas. Difundir informações e torná-las disponíveis é um dos principais papéis do jornalista. Essas informações devem ser transmitidas da forma mais clara e coerente, na tentativa de despertar o interesse e o conhecimento das pessoas sobre assuntos de ordem pública.

Não é de hoje que o trabalho e a importância dos profissionais da limpeza têm sido percebidos e analisados. Estudante de psicologia da Universidade de São Paulo - USP, Fernando Braga da Costa se vestiu de gari e resolveu passar um dia trabalhando dentro da própria universidade na intenção de observar a reação das demais pessoas sobre seu trabalho. A falta de reconhecimento por parte dos professores e colegas universitários, que nem se dignaram a olhar em seu rosto o levou a escrever o livro *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. (2004).

Costa (2004, p. 114) conta:

Calça, camisa e boné vermelhos: imaginei que, no Instituto de Psicologia, chamaria a atenção naqueles trajes. Pareceu-me divertido aparecer vestido de gari, “fantasiado”. Tinha a expectativa que aquilo poderia ser engraçado. [...] Conhecia aquela gente: amigos de turma, colegas, veteranos companheiros do time de futebol, parceiros do tênis de mesa, os professores. Todos do instituto. [...] Estava atento. Buscava a expressão de alguém surpreso: “Que roupas são essas, Fernando?!”

A percepção da invisibilidade dos profissionais da limpeza e a constatação da falta de importância dada pela população ao trabalho dessas pessoas levaram Fernando Braga da Costa a passar, durante nove anos, um dia de sua semana trabalhando juntamente com esses homens na tentativa de melhor entender esse universo.

O ofício do gari parece acentuadamente atravessado por um fenômeno de gênese e expressão intersubjectivas: a invisibilidade pública – espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens. Bater o ponto, vestir o uniforme, executar trabalhos essencialmente simples (como varrer ruas, cortar mato, retirar o barro que se acumula junto às guias), estar sujeito a repreensões mesmo sem motivo, transportar-se diariamente em cima da caçamba de caminhões em meio às ferramentas ou ao lixo são tarefas delineadoras do trabalho daqueles homens. [...] São atividades cronicamente reservadas a uma classe de homens subproletariados; homens que se tornam historicamente condenados ao rebaixamento social e político. (COSTA, 2004, p.57)

O trabalho dos garis, na maioria das vezes, não é reconhecido pela população em geral, que os vê como inferiores ou subalternos. Essa visão deve ser mudada. A profissão de gari é um trabalho digno, árduo e honesto como muitos outros e deve ser reconhecida como tal. A importância do limpador de rua não pode ser esquecida ou inferiorizada.

O aspecto social está inteiramente envolvido com a linha de discussão de toda a grande reportagem proposta. Não se pode falar de garis, trabalhadores da limpeza, sem levar em consideração as características sociais que envolvem esse trabalho e esses profissionais. Pessoas com pouco estudo, com pouca perspectiva de crescimento? A realidade já não é mais essa. De acordo com o Correio Braziliense Concursos (2003)<sup>13</sup> em muitos casos, profissionais com nível superior completo, acabam por falta de opção, indo trabalhar como garis. Em nota divulgada pelo veículo em 04/07/2003 consta:

Cerca de 130 mil pessoas já se inscreveram para o concurso de gari da Companhia de Limpeza Urbana (Comlurb) do Rio de Janeiro. [...] A Comlurb esperava ter 80 mil candidatos inscritos. [...] O concurso já causou confusão no início com longas filas. Ele chama a atenção também pelo perfil dos candidatos. Muitos deles têm formação superior e desejam uma vaga para limpar as ruas da capital do Rio em troca de um salário de R\$ 614.

O que caracteriza o fato desses trabalhadores serem inferiorizados? O fato de trabalharem limpando o lixo que é produzido pela própria sociedade que os discrimina.

De acordo com Gilson Aguiar (2008), o que acontece é uma associação do gari à sujeira.

“Nós produzimos a sujeira, eles recolhem a nossa sujeira, eles nos fazem pessoas limpas e eles são taxados como sujos. É a questão da desqualificação, de como eles são associados a um trabalho que não tem qualquer dignidade, função, habilidade. E no fundo tem.” (entrevista

---

<sup>13</sup> Disponível em <[http://concursos.correioweb.com.br/htmls/interna\\_noticia,id\\_sessao=1&id\\_noticia=9874/interna\\_noticia.shtml](http://concursos.correioweb.com.br/htmls/interna_noticia,id_sessao=1&id_noticia=9874/interna_noticia.shtml)>. Acesso em 25/10/2008

concedida em outubro/2008 para a produção da grande reportagem Garis: trabalho e dignidade).

Sendo assim, falta o esclarecimento da população quanto ao valor do trabalho dessas pessoas. Socialmente, os garis sempre foram tidos como inferiores pela posição que ocupam, sendo, muitas vezes, marginalizados e colocados à parte na sociedade.

Por serem trabalhadores que exercem uma função importante para o bem estar geral, é de suma importância abordar a questão ética, moral e social que envolve a profissão e os preconceitos que os profissionais da área sofrem.

Bosi (1996) afirma que a cultura das classes pobres está ligada ao fato da existência dessas classes e também à sobrevivência das mesmas. Assim essas categorias não são desprovidas de cultura, mas sim, tem sua própria cultura, com suas idéias, conceitos e valores. É ela quem cria a sua própria cultura. Outro fato abordado pela autora é a denominação de cultura da classe pobre, a popular, e a cultura da classe acima dessa, ou da elite, a erudita. Muitos têm uma visão estereotipada da cultura popular, julgam-na como algo fraco simplesmente por terem como participantes uma população de nível financeiro inferior. Em relação a essas diferentes culturas a autora diz (op.cit, 1996, p. 19): “Se existem duas culturas, a erudita terá que aprender muito da popular: a consciência do grupo e a responsabilidade que advém dela, a referência constante à práxis e, afinal a universidade”.

Gramsci entende a cultura como algo vinculado não somente à forma de vida ou ao conhecimento dos indivíduos. Para Gramsci, a cultura está diretamente ligada à economia, já que os proletários são tidos como intelectualmente inferiores.

A compreensão da historicidade do social, no pensamento gramsciano, não está desvinculada da economia, do desvendamento das relações de produção, mas o pensador italiano também compreende que a luta pela emancipação política do proletariado não se esgota no terreno econômico, pois, dadas as condições de subalternidade intelectual às quais sempre estiveram submetidas às classes trabalhadoras, torna-se necessário o encaminhamento de um novo projeto cultural que propicie o desenvolvimento de uma vivência democrática independente do domínio ideológico da classe burguesa. (IVETE SIMIONATTO<sup>14</sup>)

Sendo assim, ao desenvolver a grande reportagem sobre a vida e a rotina dos garis de Maringá, tem-se como preocupação a tentativa de relacionar a cultura

---

<sup>14</sup> Disponível <<http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv41.htm>>. Não consta citação de ano da publicação. Acesso em: 20/10/2008

dessas pessoas [gari] com a cultura dos demais cidadãos maringauenses. O fato de ser uma classe que trabalha recolhendo o lixo da cidade, não os desfaz de aspectos sociais e culturais. Pelo contrário, sua cultura é baseada em seu modo de vida, em seus hábitos, em sua aquisição econômica.

Bosi (1996, p. 65) diz:

Na cultura popular, novo e arcaico se entrelaçam: os elementos mais abstratos do folclore podem persistir através dos tempos e muito além da situação em que se formaram. Assim, na metrópole, suas formas de pensar e sentir continuam organizando sistemas de referência e quadros de percepção do mundo urbano.

A cultura popular está inserida na vida da maioria dos cidadãos, de qualquer classe social, independente de sexo, raça, idade, escolaridade. São hábitos, costumes, que estão arraigados, que vêm desde a infância e vão tomando corpo na vida dessas pessoas. Independente de nível social ou profissional, as pessoas possuem hábitos e costumes que vão levar para toda a vida.

Além dos aspectos culturais e sociais, os aspectos ambientais também estão vinculados ao trabalho dos gari, visto que a limpeza das vias públicas e a conservação do meio ambiente são sua função primordial. Sendo assim, o jornalismo ambiental é uma das vertentes abordadas na grande reportagem.

Analisando o trabalho e a rotina dos profissionais da limpeza, chega-se a conclusão de que os aspectos culturais, sociais, econômicos e ambientais inseridos no trabalho dos gari se entrelaçam, sendo ligados por linhas tênues. O reconhecimento do profissional de limpeza vai muito além do reconhecimento de seu trabalho como profissional, mas chega aos aspectos da sua função como um dos profissionais responsáveis pela manutenção de toda uma sociedade. A importância da pessoa do gari é pouco vista, mas deve ser repensada. Os valores em que a sociedade está inserida são, em muitas vezes, errôneos, já que algumas profissões são, às vezes, mais reconhecidas ou bem vistas pela sociedade em detrimento a outras. O médico é reconhecido por salvar vidas, o policial por proteger e dar segurança, o professor primário por ensinar a ler e a escrever, o advogado por defender nossos direitos. E o gari deve ser reconhecido por sua importância em manter uma cadeia da qual dependem todos os demais. Sem a limpeza das vias públicas, o que seria do médico, do advogado, do professor ou mesmo do policial?

O trabalho dos garis contribui para preservar o meio ambiente, pois são eles os profissionais responsáveis em manter a limpeza e a organização dos centros urbanos, o que contribui para a não proliferação de doenças e para o bem-estar social. Sendo assim, a questão ambiental é uma constante durante o processo de análise do trabalho dos profissionais da limpeza.

O ofício do gari parece acentuadamente atravessado por um fenômeno de gênese e expressão intersubjetivas: a invisibilidade pública – espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens. (COSTA, 2004 P.57).

Para o autor, trabalhar como gari foi muito mais do que perceber a realidade da falta de reconhecimento e da humilhação, foi sentir na carne e no espírito, como os trabalhadores da limpeza pública enxergam o mundo e, principalmente, como são enxergados por esse mesmo mundo. A invisibilidade pública enfrentada por pessoas que ganham a vida de forma digna e honesta.

Trabalhar a questão dos garis envolve, além de toda uma questão social e ambiental, uma forte questão política, já que a responsabilidade pela contratação, segurança e condições de trabalho desses profissionais é dos órgãos públicos.

Patrícia Mousinho em André Trigueiro, 2005, p.71 afirma que:

Legislar sobre a organização dos serviços públicos, de acordo com a Constituição Federal, é atribuição do município. Nesse pacote entra o gerenciamento dos serviços de limpeza urbana, cuja responsabilidade deve então ser assumida pelo poder público municipal.

É então, uma responsabilidade também dos órgãos públicos, buscarem o reconhecimento e a adequação do trabalho dos profissionais da limpeza, visto que estes são funcionários contratados pelas prefeituras municipais. É claro que a valorização desses trabalhadores não deve partir apenas dos órgãos públicos, mas sim, da sociedade como um todo, já que o trabalho de limpeza atinge de forma positiva, toda a população.

Os garis realmente têm medo. Na sua fala, nas suas atitudes, no seu olhar, o medo configura-se como um traço marcante [...] Os garis sentem-se pequenos [...] Diante da Organização Burocrática, todos parecem igualmente diminuídos: chefes e subalternos. Os garis, a quem nunca é permitido deixar a condição de pequenos, nunca mesmo, nesse caso tornam-se ainda menores. (COSTA, 2004, p.98-99).

O trabalho desenvolvido pelos trabalhadores da limpeza, além de digno, é de extrema importância para a manutenção da sociedade. Afinal, são eles que mantêm o ambiente urbano de forma limpa e harmoniosa para a utilização das pessoas. De acordo com a Constituição Federal Brasileira, Art. 225:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Dessa forma, esses profissionais devem sentir-se importantes e orgulhosos da função que desempenham. Mas o descaso com que são tratados os faz inferiores diante deles mesmos. É assim que se sentem: inferiores.

De acordo com Costa (2004, p.129):

Nenhum ser humano, andando na rua, passa por outro como quem passa por um poste: o corpo e o olhar se modificam, os movimentos ficam distintos, a atenção se transforma, é afetada, como que se alarga. A atenção que um homem dispensa a outro homem é de natureza diferente daquela dirigida a objetos. Entretanto, as pessoas que passam pelo gari não parecem ter sua atenção suficientemente modificada, modificada pelo poder específico, pela influência específica de que é capaz a presença de um outro humano que está ali: desviam-se dele como quem se desvia de um obstáculo, uma coisa qualquer que atrapalha o caminho.

Muitas vezes, as pessoas passam ao lado de lixeiras e mesmo assim, jogam lixos e restos no chão, não se preocupando com o fim desse resíduo. Acreditam que o gari está ali para catar seu lixo. O que não ficou claro ainda para a população em geral, é que os profissionais da limpeza são contratados para manter o ambiente urbano em harmonia, mas que, nem por isso, o lixo deve ser jogado em qualquer local, sem preocupações. Para isso, foram desenvolvidas e colocadas lixeiras em diversos pontos da cidade. Essa classificação dos garis como profissionais da limpeza gera uma interpretação errônea da sociedade, que acredita que o lixo pode ser jogado em qualquer lugar, pois os garis estarão ali para limpar, esquecendo-se, às vezes, que os garis são trabalhadores e seres humanos como qualquer outro, tem sonhos, desejos, ambições e principalmente, sofrem com o descaso e a humilhação.

## 7.2. TRABALHADORES DA LIMPEZA EM MARINGÁ

Em Maringá existem 253 profissionais responsáveis pela limpeza das ruas e avenidas da cidade. São 130 homens varrendo ruas, roçando canteiros, podando árvores todos os dias, enquanto outros 123 recolhem o lixo nas residências e comércios de toda a cidade.

Os trabalhadores da limpeza estão presentes no dia-a-dia dos maringaenses. Em todas as ruas, avenidas, praças, é possível encontrar essas pessoas varrendo, capinando, roçando, recolhendo o lixo. Manter as ruas da cidade limpas e zelar pelo bem-estar da população é a função desses profissionais.

Em Maringá são apenas 15 margaridas responsáveis pela limpeza das ruas da cidade. O grupo das margaridas existe há apenas um ano e meio.

O trabalho dos profissionais da limpeza é bastante cansativo por ser um trabalho ao ar livre, exposto ao sol, poeira, frio, chuva e vento. Além disso, esses profissionais chegam a percorrer mais de 5 quilômetros pelas ruas da cidade a pé, varrendo e recolhendo lixo.

Segundo Gonçalves Filho (2000, p.35):

A humilhação social compreende a um caso particularmente doloroso de angústia: um afeto mórbido derivado da exposição do homem pobre a mensagens de inferioridade social. Mensagens que lhe são assiduamente dirigidas pelos outros e pela cidade. Mensagens verbais e também mensagens mudas: são palavras ou são circunstâncias públicas que lhe parecem como o perpétuo lembrete de que não estão em casa.

A remuneração desses profissionais não é tão boa se comparada ao tipo de trabalho que eles exercem, mas, se comparada ao salário dos mesmos profissionais em outras regiões do país, percebe-se que os garis, margaridas e coletores maringaenses não recebem tão pouco assim. Segundo dados da Secretaria Municipal de Serviços Público de outubro/2008, os trabalhadores da limpeza de Maringá recebem aproximadamente R\$ 900 reais. Esse valor só é possível, porque, em sua maioria, os garis cumprem horas extras, o que ajuda a aumentar a renda. De acordo com nota publicada em site, em Brasília, os garis recebem aproximadamente R\$ 600 reais. Já em Goiânia, esse salário é de R\$ 590 reais, em Natal a remuneração é de aproximadamente R\$650 reais. No Rio de Janeiro, os profissionais da limpeza recebem aproximadamente R\$650 reais. Em Curitiba, os garis têm um salário de quase R\$1200 reais<sup>15</sup>.

Levando-se em consideração o custo de vida nas cidades citadas, o salário dos profissionais da limpeza de Maringá está mais alto que o dos demais. Isso não significa que essa remuneração ainda não possa ser melhorada.

---

<sup>15</sup> Disponível em <<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=341766>>. Acesso em: 20/10/2008

## **8. ELEMENTOS DA GRANDE REPORTAGEM**

### **8.1. NOME**

A grande reportagem “Garis: trabalho e dignidade” recebeu esse nome na intenção de associar os profissionais da limpeza com a importância do seu trabalho e a dignidade dos homens e mulheres que atuam na área. A intenção é que logo de início, os telespectadores tenham consciência da idéia principal da reportagem que é a de mostrar o dia-a-dia e a rotina tão difícil desses trabalhadores. O trabalho está associado ao desempenho de uma profissão que é de suma importância para a população e a dignidade associa-se a falta de reconhecimento das pessoas para com a figura do trabalhador da limpeza.

### **8.2. VEICULAÇÃO**

Intenciona-se que o programa seja exibido em um canal de TV aberta. Não há restrição de horário, já que pode ser exibido para qualquer faixa etária. A intenção é de apresentar a grande reportagem à população maringaense na tentativa de conscientizar a sociedade para o fato da importância e da necessidade do trabalho dos profissionais da limpeza.

### **8.3. LOCUÇÃO**

As três integrantes do projeto participaram como repórteres e como locutoras, narradoras da grande reportagem. A idéia foi a de tornar a reportagem mais dinâmica, com a participação ativa das integrantes do grupo durante todo o processo, trabalhando junto com os garis, acompanhando e conhecendo de verdade a rotina desses trabalhadores. A escolha das passagens alternadas, com uma repórter chamando a outra, deu mais dinâmica e um efeito de maior rapidez ao vídeo, além de deixá-lo mais atrativo e interessante aos olhos dos telespectadores.

### **8.4. PÚBLICO ALVO**

O material jornalístico apresentado é destinado à população maringaense em geral, independente de faixa etária, uma vez que a apresentação da rotina de trabalho dos profissionais da limpeza e o reconhecimento da importância desses

trabalhadores é o foco principal da grande reportagem. A sociedade maringense é o grande alvo do material, já que a reportagem trata exclusivamente dos trabalhadores da limpeza, garis, margaridas e coletores de Maringá. Não há restrição de idade, já que o reconhecimento da importância e da necessidade desses profissionais deve ser consciência de todos.

#### 8.5. CUSTOS

<b>Material</b>	<b>Custo</b>
Câmera de vídeo	_____
20 Fitas de vídeo	R\$ 200,00
600 litros de gasolina	R\$ 1500,00
100 dvd's	R\$ 50,00
Impressão de trabalho	R\$ 150,00
Aquisição de livros	R\$ 100,00
Xérox	R\$ 100,00
Camisetas para filmagem	R\$ 50,00
Ligações telefônicas	R\$ 100,00
<b>Total</b>	<b>R\$ 2250,00</b>

#### 8.6. ESTRUTURA

A grande reportagem Garis: Trabalho e Dignidade será apresentada em 4 blocos de aproximadamente 10 minutos cada. A reportagem tem 43 minutos de duração, e retratou a rotina dos trabalhadores da limpeza em três turnos: manhã, tarde e noite. Sendo assim, os blocos serão divididos em:

1° bloco – período da manhã

2° e 3° blocos – período da tarde

4° bloco – período da noite.

Para essa divisão, foram feitas três inserções de intervalos durante a grande reportagem. A opção por 4 blocos se deu na tentativa de dar mais dinâmica a grande reportagem, sem que torne-se cansativo.

## 9. ETAPAS DA PRODUÇÃO

Todo o processo da construção da grande reportagem “Garis: trabalho e dignidade” teve início na idealização do projeto. Ao definir o tema, buscou-se definir como esse tema seria trabalhado. A opção por grande reportagem de televisão se deu pelo fato de que a televisão consegue através das imagens passar com mais veracidade e com mais força a história de vida dos trabalhadores da limpeza. O foco da reportagem foi escolhido – a falta de reconhecimento da profissão e a importância desses profissionais para o ambiente maringaense. Depois do projeto aprovado, o passo seguinte foi pedir autorização na Prefeitura Municipal de Maringá e também na Secretaria Municipal de Serviços Públicos. Essa autorização era imprescindível para que pudéssemos acompanhar o trabalho e a rotina desses profissionais. Para isso, o secretário de serviços públicos Vagner Mussio recebeu a equipe. Após conhecer o projeto e a intenção do grupo, a autorização para a realização das filmagens e das entrevistas foi concedida.

Após conseguir a autorização, a etapa seguinte foi a montagem do roteiro. É nessa etapa que se definem quem serão entrevistados, locais onde serão feitas as filmagens, estrutura da reportagem. Até esse ponto esperava-se fazer um videodocumentário que era a idéia inicial do projeto. No roteiro foi definida a estrutura de todo o vídeo, contendo as passagens, offs e as perguntas que iriam ser feitas às fontes para se obter as sonoras necessárias para a realização do produto. Com o roteiro pronto, percebeu-se a necessidade de mudar o formato do trabalho para uma grande reportagem. Essa mudança se deu na intenção de fazer um produto que fosse mais dinâmico, menos formal. A intenção era fazer um produto diferenciado. O videodocumentário exige uma postura mais formal, onde não haveria muita liberdade para inovações, o que não condizia com o objetivo para o produto idealizado. A idéia era de algo mais ágil, dinâmico, diferente dos vídeos convencionais aos quais a televisão está tão acostumada. Foi aí então que se definiu a participação das três integrantes como cinegrafistas, repórteres, narradoras e diretoras.

Antes do início das filmagens, realizou-se o acompanhamento da rotina dos trabalhadores da limpeza em seus diferentes turnos. O objetivo desse acompanhamento era o de ter conhecimento de como era essa rotina de trabalho. Durante essa etapa foram surgindo novas perguntas e novas dúvidas que acabaram

levando a alterações no roteiro inicial. Além disso, ao conhecer os trabalhadores pode-se fazer a escolha daqueles que seriam os “personagens” da história.

Após o acompanhamento da rotina de trabalho e a escolha dos personagens deu-se início às filmagens. Foi só aí que realmente pôde-se ter uma noção do que é o trabalho dos garis, margaridas e coletores. Sol forte, poeira, mau cheiro, cansaço e, muitas vezes, risco de cair do caminhão, são alguns dos problemas enfrentados por eles todos os dias. Além desses “problemas” que fazem parte da profissão, ainda era comum encontrar a indignação dos próprios trabalhadores, e principalmente das trabalhadoras margaridas com a mídia.

A revolta de algumas mulheres que se recusavam a aparecer nas imagens devido a fatos anteriores. Segundo elas, muitos profissionais da mídia foram retratá-las durante o dia de trabalho árduo, mas isso não lhes ajudou em nada. A revolta maior dessas mulheres era de que profissionais do meio jornalístico prometeram ajudá-las mostrando e expondo na mídia o quão difícil era a sua profissão, mas no final nada mostraram. Apenas uma margarida se disponibilizou a falar com a equipe e dar entrevistas, mas para a realização dessas entrevistas a margarida exigiu que o coordenador delas estivesse presente. Devido ao fato de a maioria das margaridas não querer ter seu rosto exposto, foram retratadas imagens delas de costas ou muitas vezes de longe, de forma a não identificá-las.

Durante o percurso com os varredores no período da manhã, o sol quente e a poeira foram os principais vilões. Pode-se perceber o quão é exaustivo trabalhar o tempo todo varrendo a sujeira com vassouras nada leves, pegar o lixo com a pá e jogar dentro dos carrinhos em um dia bastante quente.

No acompanhamento com os varredores do período noturno o temor foi um dos maiores sentimentos. Esses profissionais trabalham no período das vinte e duas horas às cinco da manhã. O trecho que percorrem é a região central de Maringá. Uma das avenidas é a Brasil, que durante o período noturno é ale tráfico de drogas. A presença da equipe nesse trecho muitas vezes acabava intimidando as pessoas que passavam pela avenida a procura de garotas de programas, o que poderia ser visto, para as profissionais como prejudicial ao seu trabalho, já que elas poderiam acabar perdendo clientes devido às filmagens. Em alguns momentos era perceptível a irritação dessas mulheres com a presença das câmeras. Para esse percurso, dois funcionários da Secretaria Municipal de Serviços Públicos, que atuam na fiscalização do trabalho dos varredores acompanharam a equipe.

Durante o percurso com a equipe dos coletores no período da manhã, tarde e noite o mau cheiro foi de início o grande vilão. É difícil para pessoas que não estão adaptados com o mau cheiro conviver durante horas com ele. O fato de ficar o tempo todo correndo atrás dos caminhões para despejar os sacos de lixo é bastante cansativo. Além disso, tem que prestar atenção para subir no caminhão em movimento e procurar algo para se apoiar. A movimentação dos veículos em horário de muito trânsito também dificultou. A atenção e a cautela são fundamentais nesta hora. O desgaste físico, cansaço e a exaustão também são grandes vilões no decorrer do trabalho.

Por fim, após a filmagem pronta vem a parte da edição. Selecionar as imagens para 43 minutos de reportagem dentro de quase 20 horas de filmagem não foi tarefa muito fácil. Nessa etapa, o roteiro foi de fundamental importância, já que o acompanhamento das edições se deu de acordo com as idéias previamente estipuladas no roteiro.

## CONCLUSÃO

A grande reportagem “Garis: trabalho e dignidade” é uma tentativa de ressaltar e mostrar às pessoas a importância do trabalho dos profissionais de limpeza. Não é a toa que os garis atuam em todo o mundo realizando a limpeza das cidades, ruas e avenidas. Sem os trabalhadores da limpeza, o ambiente urbano se tornaria um caos, afinal, de acordo com o site do biólogo Oscar Luiz, são 240 mil toneladas de lixo produzidas por dia apenas no Brasil<sup>16</sup>. Dá pra imaginar de quanto deve ser a produção mundial. E são essas pessoas, profissionais da limpeza, os responsáveis pela manutenção de todo o ambiente urbano. São eles, os responsáveis pela coleta de todo esse lixo. A necessidade da presença dos garis, margaridas e coletores só será realmente percebida pelas pessoas quando eles faltarem. Quando seu lixo ficar acumulado nas ruas e avenidas e nos cestos de suas casas.

Com o desenvolvimento do trabalho, percebemos claramente o preconceito e a falta de compreensão à qual esses trabalhadores estão sujeitos todos os dias. Além de trabalharem sob sol, chuva, vento, poeira, ainda estão sujeitos ao descaso da população. Pessoas passam e nem notam sua presença, carros passam e nem diminuem a velocidade.

Em uma sociedade que se diz tão culta e repleta de conhecimentos é até engraçado observar esse descaso e essa falta de importância com profissionais que além de necessários para o bem-estar social e ambiental, são, em primeiro lugar, pessoas, seres humanos que precisam de trabalho e da remuneração que recebem por seu trabalho. E que, acima de tudo, precisam ser respeitados por exercerem uma profissão digna e que é de extrema importância para a sociedade.

Além disso, não é necessário lembrar que essas pessoas, garis, margaridas e coletores, passaram por concursos públicos para ocuparem essas funções. São qualificados para o cargo que ocupam e, em muitas vezes, para outros cargos também. O que lhes falta é oportunidade de trabalharem em outra função.

Em Maringá temos aproximadamente 230 pessoas responsáveis pela limpeza do lixo produzido por mais de 320 mil habitantes e pelas folhas e flores que caem de

---

<sup>16</sup> Disponível em <[www.byoscarluiz.multiply.com/journal/item/807/807](http://www.byoscarluiz.multiply.com/journal/item/807/807)>. Acesso em: 30/10/2008

mais de 160 mil árvores. Não é de se estranhar que eles nem sempre dêem conta do trabalho imposto a eles.

A grande reportagem “Garis: trabalho e dignidade” nos fez concluir o quão digno e importante é o trabalho de garis, margaridas e coletores. Acreditamos que cidadãos só são cidadãos quando aprendem a perceber as necessidades e dificuldades enfrentadas e encontradas por outros cidadãos.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **A indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

ALMEIDA, Manoel de. **O dia do gari**.

Disponível em: <<http://www.velhosamigos.com.br/DatasEspeciais/diagari.html>>.

Acesso em: 12 maio. 2008.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

Brasil Profissões. **Gari**.

Disponível em: <<http://www.brasilprofissoes.com.br/verprof.php?codigo=213>>.

Acesso em: 03 mai. 2008.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996

CHAPARRO, Carlos. **Curso de jornalismo**: aula 1 – fundamentos introdutórios.

Disponível em: <<http://www.oxisdaquestao.com.br/busca.asp>>. Acesso em: 17 set. 2008.

Correio Braziliense. **Concurso para gari da COMLURB do Rio já tem 130 mil candidatos inscritos**. Disponível em:

<[http://concursos.correioweb.com.br/htmls/interna\\_noticia,id\\_sessao=1&id\\_noticia=9874/interna\\_noticia.shtml](http://concursos.correioweb.com.br/htmls/interna_noticia,id_sessao=1&id_noticia=9874/interna_noticia.shtml)>. Acesso em: 25 out. 2008.

COSTA, Fernando Braga. **Homens Invisíveis**: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

COSTA, Paula Bajer Fernandes Martins da. **Dignidade**. Disponível em: <<http://www.esmpu.gov.br/dicionario/tiki-index.php?page=Dignidade>>. Acesso em: 07 out. 2008.

Datas – Outubro <[www2.portoalegre.rs.gov.br/pwdtcomemorativas/default.php](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/pwdtcomemorativas/default.php)>  
Acesso em 20/09/2008

FILHO, José Moura Gonçalves. **Humilhação social**: um problema político em psicologia. Disponível em: <<http://www.psicologiaonline.org.br;jfcidadania2.html>>. Acesso em: 03 mai. 2008.

FLORES, Mariana. **Diferença gritante**. Disponível em: <<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=341766>>. Acesso em: 20 out. 2008.

FOLQUINING, Victor. **O Jornalismo é um humanismo** – representações sociais de estudos de comunicação. Paraná: Editora do Instituto Cultural do jornalismo no Paraná, 2002.

Gêneros jornalísticos – possível entender <http://generos-jornalisticos.blogspot.com/2008/05/o-q-jornalismo-possivel-entender.html>. Acesso em 17/09/2008

GOMES, Laurentino. **1808**. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2007.

História de Maringá - [www.maringa.pr.gov.br](http://www.maringa.pr.gov.br) . Acesso em 15/08/2008

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às mediações**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. *Entrevista em O Melhor da Roda Viva*. Programa exibido em 03/02/2003.

MARX, K. In: MCLELLAN, David. **O Pensamento de Karl Marx**. Lisboa: Coleção Coimbra Editora, 1974.

MATTELART, Armand e Michellé. **História das Teorias da Comunicação**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2000

MEDINA, Cremilda. **Profissão Jornalista**: responsabilidade social. Ed. Forense Universitária, 1982.

MELO, José Márquez de. **Teoria do jornalismo identidade brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no século XX**: neurose. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1997.

OSCAR, Luiz. **5 de Junho**: Dia Mundial do Meio Ambiente no Túnel do Tempo. Disponível em: <<http://www.byoscarluiz.multiply.com/journal/item/807/807>>. Acesso em: 30 out. 2008.

Observatório da Imprensa. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com/atualiza/artigos/cid12052000.htm>>. Acesso em: 03 mai. 2008

PATERNOSTRO, Vera Isais. **O texto na tv**. São Paulo: Ed. Campus, 1999.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **A comunicação como encontro**. Santa Catarina: Ed. Edusc, 2003.

Prefeitura do Município de Maringá. **Bandeira e Brasão de Maringá**. Disponível em: <<http://www.maringa.com/historia/significado.php>>. Acesso em: 17 set. 2008.

Prefeitura do Município de Maringá. **Origem do nome Maringá**. Disponível em: <<http://www.maringa.pr.gov.br/cidade/cidade.php?categoria=8>>. Acesso em: 17 set. 2008.

RECCO, Rogério. **À Sombra dos Ipês da Minha Terra**. Curitiba: Ed. Autores Paranenses, 2005.

ROURE, Susie Amâncio Gonçalves de. **Educação e autoridade**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT20-3653--Int.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2008.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **As teorias da comunicação: da fala à Internet**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2008.

SIMIONATTO, Ivete. **O social e o político no pensamento de Gramsci**. Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv41.htm>>. Acesso em: 20 out. 2008.

TRIGUEIRO, André. **Mundo Sustentável - abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo: Globo, 2005.

TUCCI, Maria Luiza; KOSSOY, Borys. **A Imprensa confiscada pelo Deops**. São Paulo: Ed. Ateliê Editorial, 2000.

Veja – Tecnologia a Serviço do Meio Ambiente. **Como surgiram os apelidos gari e margarida e sua aceitação pela população brasileira**. Disponível em: <<http://www.vega.com.br/item.asp?id=261>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. Ed. Paulus, 2005.

XIFRA-HERAS, Jorge. **A informação: análise de uma liberdade frustrada**. São Paulo: Lux Edusp, 1975.

